DOGGERLAND

ALERTA DE TEMPESTADE

MARIA ADOLFSSON

FARO EDITORIAL

DOGGERLAND

ALERTA DE TEMPESTADE

MARIA ADOLFSSON

Tradução
LEONARDO CASTILHONE

FARO EDITORIAL

COPYRIGHT© MARIA ADOLFSSON, 2018
FIRST PUBLISHED BY WAHLSTRÊIM & WIDSTRAND, STOCKHOLM, SWEDEN PUBLISHED IN THE PORTUGUESE LANGUAGE BY ARRANGEMENT WITH BONNIER RIGHTS, STOCKHOLM, SWEDEN AND VIKINGS OF BRAZIL AGÊNCIA LITERÁRIA E DE TRADUÇÃO LTDA., SÃO PAULO, BRASIL.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial PEDRO ALMEIDA
Coordenação editorial CARLA SACRATO
Preparação MONIQUE D'ORAZIO E GABRIELA AVILA
Revisão BÁRBARA PARENTE
Capa REBECCA BARBOZA
Diagramação CRISTIANE SAAVEDRA | SAAVEDRA EDIÇÕES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Adolfsson, Maria
Doggerland : alerta de tempestade / Maria Adolfsson ; tradução de Leonardo Castilhone. — São Paulo : Faro Editorial, 2022.
256 p.

ISBN 978-65-5957-152-9
Título original: Stormvarning

1. Ficção sueca I. Título II. Castilhone, Leonardo

22-1672 CDD-839.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção sueca

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2022
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

PRÓLOGO

ELA OBSERVA O CELULAR COM DESÂNIMO E SE INCLINA PARA TRÁS, como se sentisse a ameaça só de olhar para o aparelho. Levanta-se, contorna a mesa da cozinha e, parada de pé na porta, olha fixamente a sala de estar. Em seguida, vira-se para o outro lado e evita olhar para o telefone, fingindo não reparar na chamada silenciada que aparece na tela.

Então ela para no meio do caminho, entre um passo e outro, com um olhar pensativo em direção à janela. Como seria fácil deixar pra lá, dar ouvidos àquela voz sedutora sussurrando que ela não precisa fazer nada daquilo. Que não é certo. Então a voz fica mais incisiva e a força a ser sensata; caso contrário, tudo corre o risco de ir para o inferno.

Ela hesita mais um pouco, vira-se e olha para a despensa. Como é tentador simplesmente pegar uma garrafa de vinho tinto, sentar-se em frente à TV e tentar esquecer toda aquela merda.

Com certeza, seria melhor. Seria a coisa certa.

Mesmo assim, ela sabe que logo pegará o celular e fará aquela maldita ligação. Uma chamada que lhe custará o emprego se alguém descobrir. Uma chamada que poderá lhe custar muito mais do que isso, se quem responder do outro lado perceber a chance que tem de acabar com outro problema: a própria Karen.

Não, isso não é certo, pensa a detetive Karen Eiken Hornby pegando o celular da mesa.

Sem dúvida, não é o certo, mas é sua única chance.

1

QUATRO SEMANAS ANTES NATAL

ESTÁ APENAS ALGUNS GRAUS ABAIXO DE ZERO; MESMO ASSIM, ELA sente o ar rasgando seus pulmões quando para e respira sob a proteção de seu lenço. Gertrud Stuub se dá conta de que está a ponto de xingar; constrangida, faz o sinal da cruz. Cada vez mais angustiada, não sabe se olha para o bosque na direção do cume ou para o estreito caminho de terra que está percorrendo.

Você está imaginando coisas, pensa, sentindo a pressão nas narinas aliviar lentamente. *Ele nunca prometeu que viria. Mesmo assim, você sai correndo por aí como uma cadela velha e louca*. Ela se força a parar e respirar um pouco mais através do pano de lã antes de apertar o passo novamente, o mais rápido que pode, seguindo a estrada de terra acidentada onde há poças congeladas em placas de gelo traiçoeiras.

À esquerda, é possível ver a encosta com troncos de árvores desnudas e, por entre elas, desponta a silhueta azulada do monte Getryggen. Íngreme e inacessível para alguém da sua idade, e também da idade de Fredrik.

Ele não seria tão estúpido assim, pensa, tentando afastar tais pensamentos. O outro lado é ainda pior. Poucos metros à direita, a estrada termina abruptamente. Se continuar olhando ao longe, parece um simples lago

ligeiramente congelado no meio da floresta; porém, se der alguns passos para fora da estrada, verá o paredão da mina submergindo íngreme e contínuo pelas profundezas negras. Gertrud não se afasta da estrada.

— Ele faz este caminho todos os dias — diz a si mesma, assustando-se ao ouvir como sua voz está fraca e como o silêncio consome suas palavras.

Não suporta mais citar nem ouvir o som do nome dele. Se Fredrik estiver ali, ela vai encontrá-lo.

— Ele conhece muito bem estas terras — diz.

Sabe exatamente onde colocar os pés, e o Sammy também. Provavelmente já estão em casa, ele deve estar sentado no aconchego da cozinha, tomando café com os restos do pão de açafrão de ontem. Cínico e despreocupado, com o céu ou com o inferno, como sempre. *Chega, agora vou dar meia-volta e acabar com essa palhaçada*, ela pensa, olhando por cima do ombro. Mas percebe que, infelizmente, chegou a um ponto que a distância entre voltar e continuar o percurso em torno da pedreira é praticamente a mesma.

Com um forte suspiro, ela continua o trajeto, fazendo mais uma vez o sinal da cruz, enquanto pragueja pela falta de consideração do irmão com tudo e, sobretudo, por sua completa renúncia à religião. Fredrik não perde seu tempo indo à igreja, mas ao menos costuma ir à missa de Natal. Talvez ele tenha dormido demais.

Um pouco mais adiante, ela avista a rotatória onde começa, ou termina, o trecho mais largo para a rodovia. Há muitos anos que nenhum carro ou caminhão passa por ali, mas as rachaduras no asfalto aumentam ano após ano. Não há necessidade de reparar aquele ponto da estrada: *ninguém é estúpido o bastante para vir aqui, a não ser Fredrik. Nem mesmo no verão os jovens parecem atraídos pelos banhos proibidos nas águas insalubres da mina*. Instintivamente, ela apalpa o bolso do casaco para conferir se o celular ainda está lá. Ninguém a encontraria ali se ela caísse e se ferisse, especialmente nessa época do ano.

Bem que ele poderia receber uma lição, daquelas que nunca mais se esquece, despencando daqui e se machucando, pensa ela. *Nada sério, só pra finalmente perceber que está velho demais para andar sozinho por aí*. Automaticamente, leva a mão de novo ao peito como penitência por pensar tais coisas, e então grita:

— Alô! Fredrik!

No segundo seguinte, ela para abruptamente.

Um gemido lamuriante e ruidoso faz com que ela fique apreensiva. E assim que nota o border collie preto e branco um pouco mais à frente,

fica chocada com o que vê: a coleira longa arrastando pelo chão enquanto Sammy, desconsolado, anda de um lado para o outro na beirada da mina; deita-se por uns instantes, levanta-se de novo e continua seu vaivém angustiado se arriscando a dar um passo em falso. Parece que o cão descerá o precipício, mas o som de alguém se aproximando o faz erguer as orelhas e levantar a cabeça. Então Sammy avista Gertrud e sai correndo e latindo na direção dela. Com suas costas arqueadas, o cachorro infeliz vai e volta entre Gertrud e o precipício, quase a encurralando. Sem querer, ela volta a rezar em voz alta:

— Por favor, meu Deus, não me abandone agora.

Ela não consegue ver o irmão de onde está. Então uma vã esperança passa por sua cabeça: talvez não seja Fredrik caído lá embaixo, talvez seja apenas a velha bola de tênis mastigada do Sammy, que ele insiste em carregar por todos os lugares, talvez Fredrik a tenha arremessado para o lado errado.

Gertrud então se aproxima da beirada do precipício, com o coração acelerado, e estica o pescoço, mas ainda não consegue vê-lo. É só quando ela, fazendo uma espécie de oração mental, deita-se de bruços, arrasta-se cuidadosamente até a beirada e olha para baixo que todas as suas esperanças evaporam.

2

KAREN EIKEN HORNBY FECHA A PORTA ATRÁS DELA E ENFIA A MÃO no bolso do casaco para pegar o maço de cigarros. Com os cotovelos apoiados no corrimão frio, ela dá uma tragada profunda, sente seu pulso desacelerar lentamente e olha fixo para o infinito.

Já está escuro lá fora, embora não passe das quatro e meia da tarde, mas o ar de dezembro está excepcionalmente agradável. Há apenas algumas áreas de neve que derretem rapidamente, apesar dos dez centímetros que cobriam as ruas na semana anterior. De dentro da casa, sons de louça tilintando, risos e mais uma música de bebedeira atravessam a janela fechada:

Confie em si mesmo, pescador,

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA

FiqueSabendo

Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM MAIO DE 2022